

## MAGIA E PAIXÃO: O MÉXICO SOB O OLHAR DE ERICO VERÍSSIMO

*Kátia Gerab Baggio\**

### **Resumo**

Este artigo pretende analisar o olhar do escritor gaúcho Erico Veríssimo sobre o México, como parte integrante do esforço de construção de visões brasileiras sobre os países hispano-americanos. Em 1957, o autor publicou o livro *México*, misto de relato de viagem e ensaio sobre a história, a geografia, a sociedade e a cultura mexicanas. Veríssimo buscou no México referências de identidade, como brasileiro e latino-americano. Seu livro revela as singularidades do olhar de latino-americanos sobre outros latino-americanos: um misto de identidade e estranhamento.

### **Palavras-chave**

Erico Veríssimo; México; relato de viagem; identidade.

### **Abstract**

*This article aims to analyze the views of the writer Erico Veríssimo about Mexico, as part of the effort in constructing Brazilian interpretations of the Hispanic American countries. In 1957, the author published the book Mexico, a mixture of travel report and essay, on Mexican history, geography, society and culture. Veríssimo searched in Mexico for identity references, both as a Brazilian and a Latin-American. His book reveals singularities of Latin Americans when they consider other Latin Americans: a combination of identity and strangeness.*

### **Key-words**

*Erico Veríssimo; Mexico; travel report; identity.*

*Desde criança fui possuído pelo demônio das viagens. Essa encantada curiosidade de conhecer alheias terras e povos visitou-me repetidamente a mocidade e a idade madura. Mesmo agora, quando já diviso a brumosa porta dos setenta, um convite à viagem tem ainda o poder de incendiar-me a fantasia.*

Erico Veríssimo

Este texto foi escrito como parte de um objetivo mais amplo: procurar compreender as visões, imagens, percepções e interpretações construídas no Brasil sobre a Hispano-América, a partir das reflexões de intelectuais brasileiros, tema que já explorei em trabalhos anteriores.<sup>1</sup> As relações entre o Brasil e os países hispano-americanos, muitas vezes permeadas por ambigüidades e incompreensões, caracterizaram-se, em diferentes momentos, por divergências ou convergências<sup>2</sup>. Além de disputas e conflitos de caráter territorial, geopolítico, militar ou econômico, e tentativas de integração – principalmente de caráter comercial –, essas relações foram marcadas por imagens construídas e veiculadas por intelectuais, pela imprensa e pela mídia em geral.

Ao tentar recuperar a constituição dessas imagens, deparei-me com os relatos de viagem, importantes veículos de construção de imaginários sobre outras terras, países, culturas, nações. Não podemos ignorar, também, que essas visões brasileiras sobre os países e regiões hispano-americanas foram, em grande medida, informadas pelas imagens construídas pelos europeus e norte-americanos sobre a América Latina.

O tema da alteridade norteia os relatos de viagem. Pois as viagens e, particularmente, seus relatos, buscam, entre outros objetivos, a percepção e a construção de uma imagem do *outro* e, a partir dela, (re)construir a própria imagem ante o outro e si mesmo. As visões dos brasileiros sobre os hispano-americanos não podem ser dissociadas do intento, por parte dos brasileiros, de entender o seu país. Por isso, em grande medida, as visões sobre o(s) outro(s) informam mais sobre aqueles que enunciam os julgamentos do que sobre aqueles que são julgados. Os países hispano-americanos aparecem, com frequência, como elementos de comparação, como experiências para se pensarem as características e os problemas do Brasil. A afirmação da identidade deve se pautar pela recusa da semelhança, pelo realce da diferença. Como aponta Myriam Ávila, “descreve-se o exótico como melhor (mais puro) ou pior (menos civilizado) do que o pátrio, mas é preciso evitar fazê-lo aparecer como igual”.<sup>3</sup> Edward Said, por seu turno, acrescenta: “A cultura (...) é uma fonte de identidade, e aliás bastante combativa, como vemos em recentes ‘retornos’ à cultura e à tradição”.<sup>4</sup>

No caso da América Latina, interpõe-se um outro elemento perturbador: as representações européias e norte-americanas. Essas representações constituem parte fundamental do repertório de imagens que os intelectuais latino-americanos dispõem sobre seus próprios países. Como afirma Ávila, há uma “reduplicação do olhar” quando o latino-americano escreve. Ou, como prefere o escritor argentino Ricardo Piglia, uma “mirada estrabica”.<sup>5</sup>

Os pensadores brasileiros, dentro dessa concepção, não assimilam as visões européias e norte-americanas sobre a América Latina de maneira imediata. Nas análises em que contrapõem o Brasil aos países hispano-americanos ou aos Estados Unidos, ou nos momentos em que refletem sobre as relações do Brasil com as “outras” Américas, eles escolhem, selecionam e transformam as representações européias e estadunidenses – e, também, as representações hispano-americanas –, segundo as suas próprias convicções e necessidades, além de criarem novas imagens, a partir da sua própria vivência e condição de brasileiros e, em parte dos casos, de uma auto-identificação como latino-americanos.

Edward W. Said, em seu livro *Orientalismo*, em que analisa as construções ocidentais sobre o Oriente, afirma que “o Oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente), como sua imagem, idéia, personalidade e experiência de contraste”.<sup>6</sup> Pode-se também afirmar que a América Hispânica (em geral, pelos estigmas negativos) e os Estados Unidos (frequentemente tomados como modelo de desenvolvimento) ajudaram a definir o Brasil.

Partindo dessas reflexões iniciais, minha intenção é compreender qual o olhar que Erico Veríssimo dirigiu ao México, como parte – consciente, para o autor brasileiro – da construção de visões brasileiras sobre os países hispano-americanos.

A trajetória de vida, a formação intelectual e as convicções político-ideológicas, como não poderia deixar de ser, informaram a visão do escritor Erico Veríssimo (1905-1975) sobre o México, como também sua visão sobre os Estados Unidos, sobre os países europeus (Portugal, Espanha, Holanda), Israel etc. (acerca dos quais também escreveu relatos de viagem). Sua origem gaúcha e os contatos culturais com a América hispânica (nasceu e viveu até os 24 anos na cidade de Cruz Alta, interior do Rio Grande do Sul, na região conhecida como Planalto Médio) são lembrados no livro que escreveu com base em sua viagem ao México.<sup>7</sup> O autor recorda que aprendeu o castelhano vendo companhias circenses e grupos de teatro mambembe que circulavam pela região. Ao conhecer a cidade mexicana de Puebla, afirma que ela o fazia rememorar as imagens construídas na sua infância sobre a Espanha, particularmente a Andaluzia, a partir das companhias que visitavam Cruz Alta, representando dramas e zarzuelas espanholas (p. 120). Curioso trajeto imaginário de Erico Veríssimo para chegar à Espanha (que ainda não conhecia)

através de Cruz Alta, passando por Puebla.

O livro *México* foi publicado originalmente, no Brasil, em setembro de 1957, resultado de uma viagem de Erico Veríssimo ao país, realizada pouco mais de dois anos antes, por quase um mês, em maio de 1955. O livro teve várias edições pela Editora Globo de Porto Alegre e, posteriormente, pela nova Editora Globo, de São Paulo (em 1996, foi impressa a 11ª. edição).

Quando realizou sua viagem ao México, em companhia de sua mulher Mafalda, o autor vivia em Washington, Estados Unidos, cidade na qual ocupou, de 1953 a 1956 (por três anos e cinco meses), o cargo de diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana (UPA), espécie de secretaria permanente da Organização dos Estados Americanos (OEA), sucedendo Alceu Amoroso Lima. Veríssimo já havia estado no México anteriormente, mas por períodos muito breves (em 1941, apenas uma noite, em traslado na capital, e, em 1954, por uma semana) e sentindo vivo desejo de retornar ao país.

Em sua função na UPA, Veríssimo percorreu vários estados norte-americanos, diversos países da América Latina – Venezuela, México, Panamá, Porto Rico, Peru, Equador –, e teve oportunidade de conhecer muitos políticos, intelectuais e artistas hispano-americanos: o colombiano Alberto Lleras Camargo; o chileno Carlos Dávila (ambos ocuparam o cargo de secretário-geral da UPA); o cubano Fernando Ortiz, entre outros.<sup>8</sup> Nessas viagens, o autor brasileiro dividia-se entre congressos, simpósios, conferências, cursos e atividades diplomáticas ligadas à OEA.

Cansado de suas atividades burocráticas em Washington, o autor decide passar suas férias no México. E explicita, no prólogo, suas impressões da capital norte-americana: “um burgo encantador”, “um modelo de organização”. No entanto, confessa que “esta cidade simétrica, que funciona como uma máquina eletrônica de selecionar fichas, começa a me cansar e emburrecer. Desde que cheguei, não escrevi uma linha sequer. Não sinto gana” (p. 1-3). E, por fim, revela:

[...] em suma, estou cansado deste mundo lógico, anseio por voltar, nem que seja por poucos dias, a um mundo mágico. Sinto saudade da desordem latino-americana, das imagens, sons e cheiros de nosso mundinho em que o relógio é apenas um elemento decorativo e o tempo, assunto de poesia. Dêem-me o México, o mágico México, o absurdo México! (p. 3)

Veríssimo pergunta-se como é possível existirem, tão próximos, países tão diferentes um do outro, e “até que ponto a influência americana estará modificando o caráter e os costumes mexicanos?”, e espera, na viagem, conseguir obter algumas respostas (p. 13).

Ao regressar ao Brasil, em setembro de 1956, Veríssimo tinha como um de seus principais objetivos a redação da última parte de *o tempo e o vento: O arquipélago*. Entretanto, como ele mesmo nos conta, as lembranças do México se impuseram. No verão de 1957, em frente à máquina de escrever, com o plano decidido de iniciar *o arquipélago*, começou a desenhar: *sombreros*, feições indígenas, templos de fachada *plateresca* apareceram na folha de papel, e uma “vontade irresistível de escrever” suas impressões de viagem. Passou os meses seguintes a escrever sobre o México, “com um enorme gosto e ímpeto”.<sup>9</sup>

Seu livro é um misto de relato de viagem e ensaio sobre a história, a geografia, a sociedade e a cultura mexicanas, além de incluir transcrições de longas conversas com dois dos mais importantes intelectuais e artistas mexicanos, o ensaísta José Vasconcelos e o pintor, expoente do movimento muralista, David Alfaro Siqueiros. *México* traz também belos desenhos: reproduções de imagens pré-hispânicas e coloniais, além de ilustrações de sua autoria, inspiradas na paisagem que observava com agudeza.<sup>10</sup>

O livro é estruturado da seguinte maneira: são doze capítulos, dos quais o primeiro e o último coincidem, previsivelmente, com o início e o fim da viagem. Entretanto, o autor intercala seu relato com capítulos em que procura sintetizar alguns dos momentos mais marcantes da história mexicana, desde o período pré-hispânico, a partir de clássicos da historiografia, cronistas da época colonial, autores mexicanos, britânicos, entre outros.<sup>11</sup>

No capítulo 8, dedica-se a transcrever seus “Colóquios com José Vasconcelos”, nos quais o autor intercala narrativas e provocações ao seu interlocutor sobre os mais marcantes períodos da história político-social do país: a conquista e a colonização espanholas, o movimento de independência, a ditadura do General Santa Anna, a perda do Texas e a guerra entre México e Estados Unidos, o papel da Igreja Católica e a Reforma liderada por Juárez, a intervenção francesa e o curto período monárquico de Maximiliano, a ditadura de Porfirio Díaz e a Revolução de 1910. Os sete colóquios são encerrados com reflexões de Vasconcelos sobre os governos de Álvaro Obregón (1920-24), do qual foi o responsável pela pasta da Educação, e de Plutarco Elías Calles (1924-28). A transcrição das conversas é interrompida por explicações e reflexões do próprio Erico Veríssimo, inclusive contestando gentilmente seu interlocutor. Voltaremos aos colóquios mais adiante.

No livro, como se espera de um relato de viagem, o autor também narra suas andanças, impressões e experiências, em várias cidades e *pueblos*, localizados, principalmente, na região central do país: a capital, Puebla, Cholula, Oaxaca, Cuernavaca, Taxco, Guanajuato, Querétaro, entre outros.<sup>12</sup> Nesses relatos, o autor narra episódios curiosos; comenta sobre personagens marcantes; trata de aspectos da vida cotidiana e dos hábitos mais comuns das populações locais; faz observações sobre a paisagem, o clima, a arquitetura, a organização espacial das cidades, os sítios arqueológicos, a produção artística, a

linguagem, o teatro, a música, o artesanato, a culinária, os frutos nativos, os animais, os mercados populares, as lojas, as festas, os restaurantes, as *pulquerías*.<sup>13</sup>

Dedica um espaço considerável para tratar do movimento muralista e narra dois longos encontros com Siqueiros, entremeados de conversas, histórias curiosas, passeios, visitas às obras do artista. Nesse capítulo, além de considerações sobre Orozco, Rivera, Siqueiros e Tamayo, faz referência à importância do trabalho do famoso gravurista José Guadalupe Posada (p. 214-215).<sup>14</sup>

Veríssimo é um admirador da produção artística dos muralistas, em especial de Siqueiros, com o qual trava amizade, a despeito das divergências ideológicas. Sobre os expoentes do movimento, afirma, demonstrando arguta síntese:

De todos os muralistas mexicanos, Rivera é talvez o que tem a obra mais vasta, o mais apegado aos processos clássicos do afresco e o que melhor desenha. Orozco era indiscutivelmente o mais trágico, embora o menos espetacular. Tenho, porém, a impressão de que nenhum possui como Siqueiros o espírito da pintura mural, o sentido plástico do monumental. (p. 220)

O autor revela, assim, sua evidente preferência pela força e arrebato dos afrescos de Siqueiros. Sobre a arte engajada, defendida, de um modo geral, pelos muralistas, também expressa sua posição: “não acho que o artista deva fazer arte engajé, política, interessada; penso que ele poderá, se quiser, seguir esse caminho. E, se tiver talento, conseguirá conciliar arte com propaganda, embora isso não seja nada fácil” (p. 226).

Erico revela-se, ao longo de todo o livro, um intelectual aberto à reflexão crítica e às idéias divergentes, o que fica expresso nas conversas com Vasconcelos e Siqueiros, os dois em pólos opostos do espectro político: Vasconcelos, nessa fase da sua vida, pendia decididamente para a direita, com uma indisfarçável simpatia pelas idéias franquistas; Siqueiros foi um notório militante stalinista e integrou as fileiras do Partido Comunista Mexicano.<sup>15</sup>

Veríssimo, por sua vez – criticado, em diversos momentos de sua vida pelas esquerdas e por setores de direita –, autodeclarou-se “dentro do campo do humanismo socialista”. E antecipou possíveis questionamentos, em texto denominado “O escritor e o espelho”, publicado no segundo volume de suas memórias: “Por que socialista? – não de perguntar. Porque o extremismo da esquerda e o da direita não passam de faces da mesma moeda totalitária; e porque o centro é quase sempre o conformismo, a indiferença, o imobilismo”.<sup>16</sup>

Ao longo de sua vida, Veríssimo manifestou-se publicamente contra regimes ditatoriais – filiados a diferentes vertentes político-ideológicas – e a favor dos direitos humanos

e civis, defendeu o direito às liberdades – individuais e públicas – e a justiça social. Como argumento para defender sua autodefinição política, o autor afirmou: “é um erro imaginar que socialismo e liberdade são termos ou idéias que se contradizem”. Fez referências ao próprio Marx e citou os frankfurtianos Erich Fromm e Herbert Marcuse, como suportes de suas convicções ideológicas.<sup>17</sup> Erico Veríssimo pode ser considerado um social-democrata, no sentido mais usual do termo, ou seja, defensor convicto da democracia com um claro sentido de justiça social.<sup>18</sup> Penso que situar o autor do ponto de vista político-ideológico é fundamental para compreendermos sua visão sobre a trajetória histórica mexicana, marcada de forma indelével pelos embates e conflitos político-sociais.

Suas convicções e referências intelectuais são evidenciadas em sua obra. O penúltimo capítulo de *México*, escrito, segundo o próprio autor, dois anos depois do final da viagem, é um ensaio sobre “o caráter social e a psicologia do mexicano”. Como ele admite, influenciado por três clássicos do pensamento mexicano: *El laberinto de la soledad* (1950), de Octavio Paz; *El perfil del hombre y la cultura en México* (1934), de Samuel Ramos; e *Mito y magia del mexicano* (1952), de Jorge Carrión.

Nesse capítulo, Veríssimo discorre sobre o território, o clima, a composição étnica, a linguagem, os gestos, a “psicologia coletiva”, as festas, a noção de tempo, o sentido da morte, a religiosidade e, finalmente, acerca das relações entre México e Estados Unidos, inclusive no que se refere às visões recíprocas construídas sobre os dois países. Esse capítulo é fundamental para compreendermos a visão do autor sobre o México e, também, sobre os Estados Unidos.<sup>19</sup>

O livro como um todo demonstra que o autor tinha uma grande familiaridade com a história e a produção cultural mexicanas, fruto de muitas leituras feitas antes e depois da viagem. Além dos já citados, Veríssimo refere-se a importantes historiadores, filósofos, ensaístas e pensadores mexicanos – como Justo Sierra, Alfonso Reyes, Leopoldo Zea, Mariano Picón Salas, Daniel Cosío Villegas, Silvio Zavala, Fernando Benítez, Ramón Xirau –, aos poetas Xavier Villaurrutia, José Gorostiza, Rafael López e Carlos Pellicer, além de obras clássicas do período colonial, como a *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, do historiador e cronista espanhol Bernal Díaz del Castillo, e a *Historia antigua de México*, do jesuíta Francisco J. Clavijero. Também faz referências a obras de autores norte-americanos e britânicos, que se debruçaram sobre a história e a cultura mexicanas: George C. Vaillant, William Prescott, Frank Tannenbaum, Aldous Huxley, Graham Greene e D. H. Lawrence.

Percebe-se que Veríssimo cercou-se de trabalhos historiográficos de diversas vertentes

tes teóricas, ensaios, relatos de viagem (como *Beyond the Mexico Bay*, de Aldous Huxley) e romances (como *A Serpente Emplumada*, de D. H. Lawrence), revelando sua intenção de tentar compreender não só a trajetória histórica e os traços culturais do país, mas as imagens construídas sobre o México por distintos autores e variadas formas de expressão.<sup>20</sup> Todas essas fontes foram lidas e comentadas com evidente espírito crítico. Como exemplo, podemos citar suas observações sobre os livros dos britânicos Huxley e Graham Greene: afirma que o primeiro “parece não ter gostado do México” e o segundo, escreveu um livro sobre o país com “indisfarçável má vontade e incompreensão” (p. 216).

Conforme já ressaltamos, seu cargo na OEA permitiu ao autor conhecer muitos intelectuais e artistas do continente, facilitando o estabelecimento de uma sociabilidade intelectual que fica demonstrada no livro. Como sabemos, as atividades diplomáticas foram (e ainda são, em menor grau) importantíssimas para o incremento da sociabilidade intelectual nas Américas. Além dos encontros já citados, Veríssimo faz referência a uma conferência que pronunciou na Universidade do México (um “Paralelo entre latinos e gringos”), a uma palestra de Diego Rivera sobre arquitetura moderna (que assistiu por ocasião da viagem) e a encontros e passeios conjuntos com Vianna Moog e Aurélio Buarque de Holanda, então no país.<sup>21</sup>

Também é evidente que o autor escreveu seu livro pensando em um leitor que desconhecesse a história e a cultura mexicanas. Os capítulos em que sintetiza a história do país, os colóquios com Vasconcelos, as conversas com Siqueiros, a descrição das cidades e *pueblos*, as considerações sobre a cultura e a “psicologia” mexicanas, tudo isso somado (num livro de cerca de 300 páginas), demonstra a intenção de “revelar” o México para o leitor, com seus encantos, contradições, dilemas e ambigüidades. Veríssimo quis aproximar seu leitor da “magia” do México, segundo ele mesmo afirma, e da pluralidade da cultura mexicana. Mas, como é próprio dos relatos de viagem, também quis fazer o leitor um companheiro dessa viagem.

O México de Veríssimo é, ao mesmo tempo, indígena, barroco e moderno. Em sua visita ao Zócalo (praça central da Cidade do México), os elementos contrastantes estimulavam sua inventividade, levando-o a imaginar um cataclismo:

Se um grande terremoto derribasse um dia esta igreja [a catedral] e estes palácios, revolvendo o solo, possivelmente veríamos surgir do ventre da terra o cadáver de Te-nochtitlán, a que se misturariam os escombros do México colonial e os da metrópole do século XX com seus arranha-céus, cinemas, night clubs, e soda fountains ... E nossos olhos testemunhariam cenas espantosas, como por exemplo a cabeça dum ídolo asteca – Tezcatlipoca ou Quetzalcoatl – coroada com um desses discos vermelhos da Coca-



Cola que vemos sacrilegamente pregados nas faces destas velhas arcadas. (p. 35)

E, ao se referir às “audácias arquitetônicas” (p. 289) da Cidade Universitária, na capital, afirma:

Quem – partindo do Zócalo, das ruínas do Templo Maior e, passando pelos palácios representativos do período colonial, pelos edifícios afrancesados da era porfiriana, e pelos arranha-céus imitativos dos Estados Unidos – chegar a esta Universidade, terá não só percorrido mais de quatrocentos anos da História do México como também será recompensado com o privilégio de ter um luminoso vislumbre de seu futuro. (p. 48)

Futuro que, para ele, estava diretamente relacionado ao “México contemporâneo” – nascido do processo revolucionário do início do século XX –, um país que ainda estava buscando, nos anos 1950, afirmar sua identidade (p. 191).

Ao longo de seu livro, Veríssimo vai expondo sua visão sobre o país. Em contraste com uma intelectualidade brasileira voltada predominantemente para o universo cultural europeu, o autor revela uma sensibilidade aguçada e um interesse efetivo em compreender o México. Em uma das suas passagens mais interessantes, ao refletir sobre as igrejas e conventos visitados em Puebla e Cholula (a antiga cidade sagrada dos toltecas), pergunta-se:

[...] não terá sido o “barroco mexicano” uma reação indígena contra a arquitetura que os espanhóis trouxeram para o México logo depois da Conquista? Cortés e seus soldados arrasaram os templos astecas, e os missionários católicos, muitas vezes usando das próprias pedras dos teocallis destruídos, ergueram suas igrejas nas quais havia muito mais Idade Média que Renascimento, templos, em suma, que na sua sombria sobriedade de linhas e tons, nada diziam à alma dos índios, tão ávida de ornamentos e cores vivas. Antes mesmo de o barroco espanhol ser trazido para o México, já de certo modo os índios o haviam antecipado ao esculpir colunas, fachadas, imagens e altares.

E continua:

Ora, os frades desde o princípio tiveram de contar para a construção de seus templos com trabalhadores locais, índios ou mestiços (...). O controle que exerciam sobre (...) [eles] era limitado, de sorte que podiam os mexicanos dar expansão quase livre à fantasia, interpretando à sua maneira os riscos e modelos dos padres. Essa é a razão por que vemos em tantos destes altares anjos, arcanjos, querubins, santos e até Cristos com caras indiáticas. (p. 115-116)<sup>22</sup>

Ainda segundo Veríssimo, os clérigos teriam não só percebido essa reação como a encorajado, dentro da estratégia de conversão dos indígenas ao catolicismo.

Reforçando sua interpretação, ressalta que “a Nova Espanha era um ponto de encontro das mais diversas culturas: a européia, a indígena, a africana e a asiática” (p. 118). E ressalta que as imbricações culturais ocorreram em ambas as direções: índios e espanhóis influenciaram-se mutuamente, criando, dessa forma, novas expressões culturais:

[...] no momento mesmo em que os Conquistadores erguiam suas casas e palácios à imagem e semelhança dos que tinham deixado em sua pátria, do outro lado do mar, já começavam a sofrer a influência do povo que haviam submetido. Não era apenas o fato de estarem usando o material e até certo ponto a técnica de construção dos nativos. Era mais que isso, misteriosa e imponderavelmente mais que isso. (p. 35)

Essas passagens do texto mostram que Erico Veríssimo já percebia como se processavam certos mecanismos de mestiçagem cultural na Nova Espanha, nos séculos XVI e XVII, recentemente estudados por Serge Gruzinski.<sup>23</sup>

Seu olhar sobre os índios, entretanto, é ambíguo. Esforça-se para sentir empatia por eles, mas, no decorrer da obra, percebe-se que essa empatia não se estabelece.

Após conhecer um jovem estudante em Cholula, de clara ascendência indígena, por quem sente viva simpatia, afirma: “Benito Juárez era índio. O nosso Rondon é índio. E há idiotas que continuam a falar em raças inferiores e raças superiores. Mito, puro mito” (p. 128). Entretanto, algumas páginas a seguir, no mercado de Oaxaca, no setor das comidas, ao observar a sujeira e o aspecto um tanto repugnante dos pratos e panelas expostos, deixa sua impressão vir à tona: “Parados diante das tendas, índios comem. Parecem roedores. São pacas, ratões-do-banhado, esquilos, lebres, no meio desta floresta, indiferentes à passagem ou à vizinhança dos outros bichos” (p. 158).

Em várias passagens do livro, realça o que ele chama de “imobilidade” e “mimetismo” do índio. Ao atravessar Chihuahua de trem, no início da viagem, e descrever a terra, os índios e as casas, todos da mesma cor (um “pardo acobreado”), afirma: “Como a paisagem, o índio desta região é triste, seco e solitário. (...) Começo a ter a impressão de que o índio mexicano não nasce como os outros mortais: brota do solo como uma planta” (p. 10). Realça, ainda que literariamente, como faz questão de ressaltar, a “natureza vegetal ou mineral” de certas etnias indígenas: “No aspecto geral do índio estarão o peso e a cor sombria do chumbo. Na sua atitude esquiva, a qualidade resvaladia e arisca do mercúrio. Na pele, o cobre. O carvão nos olhos” (pp. 10 e 11). E ainda reforça, no penúltimo capítulo: “Sua capacidade de apagar-se não é apenas psicológica ou sociológica, mas também física, pois por um curioso mimetismo defensivo, como o de certos animais, o índio mexicano como que consegue diluir-se na paisagem” (p. 258).

Mais adiante, deixa ainda mais claro o que pensa dos indígenas: “povo primitivo, dominado pelo pensamento mágico” e de “alma infantil”. Assim, explica a adoração à

Virgem de Guadalupe, que teria ocupado o lugar deixado vazio com a “morte dos seus deuses” e passado a representar a mãe de todos os mexicanos. Segundo a tradição, a aparição da Virgem Morena ocorreu exatamente no lugar onde havia o templo asteca dedicado a Tonantzin, a deusa da terra e do milho (pp. 278-280).

Nesse sentido, Erico aceita, de certa forma, as opiniões de José Vasconcelos, que defende com veemência, nos Colóquios, a Espanha e a Igreja Católica, e chega a afirmar:

A Espanha não destruiu nada no México porque nada existia aqui digno de conservar-se quando ela chegou a estas regiões, a menos que se considere sagrada toda essa erva daninha da alma que são o canibalismo dos caribes, os sacrifícios humanos dos astecas, o despotismo embrutecedor dos incas. Por fortuna foram os espanhóis os que primeiro aqui chegaram, e graças a isso é rica a história desta região do Novo Mundo, como não é a da zona ocupada pelos puritanos (p. 169).

Vasconcelos, como reconhece o próprio Veríssimo, é um dos principais expoentes da corrente hispanista no México. Faz elogios evidentes à tradição européia latina, filiando-se claramente à corrente arielista.<sup>24</sup> De maneira coerente, o ensaísta mexicano é um crítico duro das medidas anticlericais tomadas durante a Reforma do século XIX e no contexto da Revolução Mexicana, particularmente no governo Calles. Vasconcelos critica duramente as interferências norte-americanas, ocorridas em diversos momentos da história mexicana, e conclui: “creio que toda a conquista causa danos tanto aos conquistados como aos conquistadores. Aos conquistados, porque os envilece e aos conquistadores porque desenvolve neles o militarismo que acaba por corromper as melhores nações” (p. 187).

Mas acrescenta: “Há um direito de humanidade que está acima dos abusos da barbárie. (...) cada vez que isso acontece, (...) a conquista estrangeira limpa a sangue e fogo a sociedade corrompida” (p. 187-188).

Como admite o autor brasileiro, Vasconcelos continua defendendo a Espanha e Hernán Cortés.

Erico Veríssimo tem muitas divergências em relação às visões de José Vasconcelos sobre a história mexicana, e provoca seu interlocutor com críticas à violência e crueldade dos conquistadores – particularmente de Cortés –, e à excessiva concentração de riquezas e corrupção do clero (pp. 168-70 e 182). Contudo, é perceptível que, ao fim das contas, considera a colonização espanhola um marco civilizador ante a “barbárie” pré-hispânica (p. 258).

Ao discorrer sobre a Revolução Mexicana, deflagrada em 1910, o autor revela conhecimento do processo e sensibilidade para entender seus impasses (pp. 190-192). Nos diálogos com Vasconcelos, o escritor gaúcho busca – junto a um dos principais atores do

processo político mexicano na época – compreender melhor as décadas de 1910 e 1920, período decisivo na história do país (pp. 192-205). Durante todas as conversas, Veríssimo ouviu atentamente Vasconcelos, sem, no entanto, deixar de contestá-lo e de revelar ao leitor que – a despeito da clareza de seus argumentos –, em relação a diversos temas e personagens, as interpretações do ensaísta mexicano eram evidentemente parciais e tendenciosas.<sup>25</sup> Não podemos esquecer que Vasconcelos foi candidato à presidência, em novembro de 1929, em oposição a Pascual Ortiz Rubio – aliado de Calles e vencedor do pleito, sob suspeita de fraude.

Os colóquios com o romancista brasileiro revelaram em Vasconcelos um homem amargurado com os rumos de seu país. O intelectual que – nos anos 1920, como ministro da Educação – apostou em um amplo programa de alfabetização, na expansão da educação pública, no estímulo à produção cultural, na viabilização do acesso das massas populares à cultura e à arte (por exemplo, através dos murais pintados em edifícios públicos), na utopia expressa em *La raza cósmica*, três décadas depois, aos 73 anos, parecia haver abandonado seus sonhos.<sup>26</sup> Veríssimo manifesta sua percepção sobre o contraste entre esses dois momentos da vida do autor mexicano e da trajetória do próprio país, ao referir-se às obras dos muralistas, incentivadas por Vasconcelos:

E o curioso é que todas essas alegorias francamente comunistas foram pintadas nas paredes do Ministério de Educação<sup>27</sup> dum país cujo governo, nos últimos tempos, tem derivado se não um pouco para a direita, pelo menos para o centro. E quem ofereceu estas paredes antes vazias aos pintores marxistas foi um homem que hoje é católico fervoroso. (p. 219)

O autor gaúcho termina sua narrativa sobre a história do México referindo-se ao governo Lázaro Cárdenas (1934-40) e declarando “pronunciada simpatia” por esse presidente que marcou a história política mexicana. O autor brasileiro destaca a distribuição de terras; o apoio aos direitos dos trabalhadores e aos sindicatos; a atenção à educação e à saúde; a expropriação das companhias petrolíferas; o apoio à República durante a Guerra Civil Espanhola e a abertura do México aos republicanos exilados. Não resta dúvida de que Erico viu na gestão Cárdenas um projeto bem-sucedido de governo voltado para os problemas nacionais e as questões sociais (pp. 206-208).

O penúltimo capítulo, intitulado “O mexicano”, é fundamental, pois é nele que o autor sintetiza, com mais clareza, sua visão sobre o país.<sup>28</sup> Escreveu esse capítulo, como já afirmamos, dois anos depois de deixar o México.

A carência de água em vastas áreas do território (nas regiões norte e central) e a escassez de terras férteis levaram a história mexicana, segundo o autor, a resumir-se “numa luta pela posse da terra” (p. 257). Para Erico Veríssimo, a síntese do mexicano é o mesti-

ço, maioria da população e o que “melhor representa” o país: “o mestiço, como a própria nação mexicana, é um produto da violência e da cupidez do espanhol”, ser “híbrido”, “centauro” (pp. 258-259). E acrescenta:

Se considerarmos o índio pré-cortesiano como representante dum mundo caótico sem unidade nacional, dividido por diferenças de língua, costumes, interesses em conflito, e outras rivalidades, e se encarmos o espanhol como uma figura estranha a todo aquele meio bárbaro – teremos de reconhecer que o mestiço foi mesmo, desde os primeiros tempos da Colônia, o elemento mais importante da população mexicana, talvez o único a ter realmente uma idéia ou, melhor, um *desejo* de nação. (p. 258, grifo no original)

O autor ressalta alguns dos traços principais, segundo ele, da “psicologia” do mexicano: “reserva”, “desconfiança”, “susceptibilidade”, “patriotismo exacerbado”, “estoicismo”. Características essas herdadas desse “nascimento” doloroso que foi a Conquista e aguçadas pela sucessão de trágicos eventos, decepções e derrotas do país e do povo, além do perigo representado pela geografia (terremotos, vulcões, furacões) e pela presença dos Estados Unidos como vizinho poderoso: uma “atmosfera nacional saturada de ameaças” (p. 266). Ao mesmo tempo, identifica uma atitude peculiar diante da morte – apenas “uma fase dum ciclo infinito”, em que morte e vida se alternam –, herdeira das concepções indígenas. Diante dessa constatação, o romancista se pergunta: “Se a morte é a maior fonte de angústia do homem, e se o mexicano não a encara com horror, de onde vem o drama de que está saturada a vida deste povo? Eu diria que vem da própria angústia de viver, da fatalidade da vida” (p. 274).

Para fazer as reflexões constantes nesse capítulo inspira-se, principalmente, como já observado – além, evidentemente, de suas próprias experiências e impressões –, nas interpretações de Octavio Paz, Samuel Ramos e Jorge Carrión, citados no início e ao longo do capítulo.

O autor, apesar de reconhecer “todos os perigos de fazer afirmações categóricas sobre o caráter social dum povo”, acaba, em grande medida, por cair nessa tentação. Resume as divergências entre os Estados Unidos e o México do seguinte modo: “o americano é um povo lógico, o mexicano um povo mágico. Vivem dentro de coordenadas diferentes”. E reitera: “Para os americanos, povo de ação, o importante é *fazer*. Para o mexicano, povo de paixão, o importante é *ser*” (p. 286). Temos nessa passagem a conhecida dicotomia: de um lado, razão e pragmatismo, característicos dos norte-americanos, e, de outro, magia e paixão, traços dos latino-americanos.

Ao voltar aos Estados Unidos e admitir sua oscilação entre esses dois mundos, questiona-se: “entre a tese americana e a antítese mexicana, o Brasil possa vir a ser um dia a

desejada síntese. *Y quién sabe ?*” (p. 303). Curiosa inserção do Brasil, entre o México e os Estados Unidos. O autor vê o Brasil como um lugar intermediário entre essa América mágica, representada pelo México, e a racionalidade ocidental, representada pelos Estados Unidos. Olhar o outro permite sempre um olhar sobre si mesmo.

Diferentemente de muitos viajantes europeus que escreveram relatos sobre suas viagens pela América Latina e pela África, com uma pretensa “autoridade do observador” – inclusive em obras recentes, escritas na década de 1970 –, o olhar de Veríssimo sobre o México não pretende “condenar”, “trivializar” e “dissociar-se radicalmente” do que vê, conforme as reflexões de Mary Louise Pratt a partir da análise de relatos de viagens de autores europeus, como o italiano Alberto Moravia – pela África Ocidental – ou o norte-americano Paul Theroux – pela América Latina.<sup>29</sup>

Erico Veríssimo buscou no México – apesar de sua incapacidade, assumida, para compreender os valores e referências culturais das populações de origem indígena – referências de identidade, como brasileiro e latino-americano. Em seu livro, são fartas as manifestações de encantamento, inquietação intelectual e empatia com aquilo que o autor/viajante vê e experimenta, a despeito de certas afirmações e conclusões genéricas e discutíveis, principalmente no capítulo “O mexicano”.

Como todo viajante, o autor não pode se furtar a comparar paisagens, costumes, particularidades mexicanas com seus equivalentes no Brasil e nos Estados Unidos. Mas seu livro é permeado por afirmações de afeto e busca de identificação com o México, muito mais do que as revelações de estranhamento e incompreensão. Sua afetividade se expressa em passagens como a seguinte:

[...] eu me sinto irmão destes mexicanos, irmão pelo menos na carne, se não no espírito. Minha mulher já declarou que a maioria destes indiozinhos, de cara morena e redonda, duros e lisos cabelos negros, parecem todos meus filhos naturais. Aceito a paternidade com esquisita e terna alegria. (p. 112)

Não podemos esquecer que o autor foi ao México a partir dos Estados Unidos, onde, a despeito da ordem, disciplina e conforto de sua vida em Washington, sentia, exatamente por isso, que aquele não era completamente *seu* mundo, revelando um sentimento ambíguo: de um lado, aprovação e atração pelos Estados Unidos e seus valores culturais e, de outro – e ao mesmo tempo –, deslocamento, inadequação e enfado.

A “reduplicação do olhar” do viajante latino-americano, conforme Myriam Ávila, ou a “mirada estrabica”, como pensada por Ricardo Piglia,<sup>30</sup> não estão completamente ausentes em *México* – o próprio autor lembra que suas primeiras impressões sobre o país vieram, ainda na infância, através de fotografias da Revolução Mexicana estampadas em

velhos números da revista parisiense *L'Illustration* e, mais tarde, através dos filmes de Hollywood, “em que o mexicano fazia sempre o papel de *hombre malo* e o México era apresentado como uma espécie de terra de ninguém assolada por bandidos, vulcões, setas largas e índios bêbados” (p. 190). Mas Erico, no seu afã de entender o México, antes de escrever seu livro, debruçou-se, principalmente, sobre as representações e interpretações mexicanas sobre o país e buscou ler criticamente suas fontes (tanto as mexicanas como as britânicas ou norte-americanas). Dessa forma, seu relato é, ao mesmo tempo, um olhar exterior e interior do país, ou melhor, um olhar exterior que buscou interiorizar-se. Diferentemente de muitos dos escritores e viajantes analisados por Mary Louise Pratt e Edward Said, Veríssimo buscou, efetivamente, *sentir e compreender* o México. Seu livro revela as singularidades do olhar de latino-americanos sobre outros latino-americanos: um misto de identidade e estranhamento. As profundas referências ocidentais e não ocidentais de nossas formações culturais, em permanente hibridação, possibilitam esse olhar, também ele, híbrido.

Termino, deixando o lado poético de Erico Veríssimo manifestar-se: “Quantos anos precisarei para digerir o México? Quantas vidas devia viver para compreendê-lo? Mas um consolo me resta e basta. Não preciso nem de mais um minuto para amá-lo” (p. 302).

*Recebido em março/2006; aprovado em maio/2006.*

### Notas

\* Versão preliminar deste texto foi apresentada no VI Encontro da ANPHLAC – Associação Nacional de Pesquisadores de História Latino-Americana e Caribenha, realizado na UEM, Maringá, PR, julho de 2004.

\*\* Professora de História da América no Departamento de História da FAFICH-UFMG; mestre e doutora em História pela Universidade de São Paulo.

<sup>1</sup> Cf. BAGGIO, K. G. *A “outra” América: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. Tese de doutorado. Departamento de História. São Paulo, FFLCH-USP, 1998.

<sup>2</sup> Cf. PRADO, M. L. C. O Brasil e a Distante América do Sul. *Revista de História*, n. 145, pp. 127-149, 2001.

<sup>3</sup> Cf. ÁVILA, M. “Peripatografias. Considerações sobre o motivo da viagem na literatura latino-americana contemporânea, a partir de Héctor Libertella”. In: MACIEL, M. E. et alii. *América em movimento: ensaios sobre literatura latino-americana dos séculos XX*. Rio de Janeiro, Sette Letras, 1999, pp. 113-128.

<sup>4</sup> Cf. SAID, E. *Cultura e imperialismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

<sup>5</sup> Cf. ÁVILA, op. cit., p. 118.

<sup>6</sup> CF. SAID, E. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

<sup>7</sup> Usei a terceira edição: VERÍSSIMO, E. *México: história duma viagem*. 3 ed. Porto Alegre, Globo, 1964. Todas as citações de trechos da obra foram retiradas dessa edição. No corpo do texto são feitas indicações apenas do número da(s) página(s). Na décima primeira edição (São Paulo: Globo, 1996), pode ser consultada a bibliografia usada pelo autor (pp. 301-302).

<sup>9</sup> Cf. VERÍSSIMO, E. *Solo de clarineta: memórias* (segunda parte, póstuma, organizada por Flávio Loureiro Chaves). Porto Alegre, Globo, 1976.

<sup>8</sup> Era intenção de Veríssimo incluir, no segundo volume de suas memórias, *Solo de clarineta*, relatos de viagens ainda não escritos e/ou publicados (pelas Antilhas e por países europeus) e impressões sobre pessoas relevantes em sua vida e trabalho. Entre elas, no plano da obra inacabada (de publicação póstuma), Veríssimo mencionou o cubano Alejo Carpentier, o guatemalteco Miguel Ángel Asturias, os venezuelanos Arturo Uslar Pietri e Mariano Picón Salas e os espanhóis Federico de Onís, Juan Ramón Jiménez, Américo Castro e Ramón J. Sender. Como sabemos, infelizmente, Veríssimo morreu antes de completar suas memórias, tendo deixado escritas apenas narrativas acerca das viagens a Portugal, Espanha (inconclusa) e Holanda. Suas impressões não escritas sobre os amigos e intelectuais que conheceu e com os quais conviveu ao longo de sua vida (no Brasil, nos Estados Unidos, na América Hispânica e na Europa) seriam de inestimável valia para recuperarmos a sociabilidade intelectual do autor gaúcho. Ver VERÍSSIMO. *Solo de clarineta: memórias*. Porto Alegre, Globo, 1976, v. 2, p. 257.

<sup>10</sup> O autor afirmou que havia nele “um pintor frustrado”. Ver VERÍSSIMO. *México*. 3 ed., Porto Alegre, Globo, 1964, p. 110.

<sup>11</sup> Ver capítulos 2, 4 e 5.

<sup>12</sup> Os relatos acerca das várias localidades visitadas estão nos capítulos 3, 6, 7, 9, 10 e 12.

<sup>13</sup> Tabernas, vendas ou bares onde se vende bebida alcoólica.

<sup>14</sup> Sobre o movimento muralista, ver o capítulo 9, pp. 214-229.

<sup>15</sup> Sem esquecer o envolvimento de Siqueiros, em 1940, no primeiro atentado (fracassado) a Trotsky, então exilado no México. Acusado e preso, foi para o exílio, retornando ao seu país apenas em 1944.

<sup>16</sup> Uma primeira versão desse texto, intitulada “O escritor diante do espelho”, já havia sido publicada na edição da *Ficção Completa*, Rio de Janeiro, Aguilar, 1966, v. III. Ver também VERÍSSIMO, *Solo de clarineta: memórias* (segunda parte, póstuma, organizada por Flávio Loureiro Chaves). Porto Alegre, Globo, 1976.

<sup>17</sup> Ibid. Cf. também FRESNOT, D. *O pensamento político de Erico Veríssimo*. Rio de Janeiro, Graal, 1977.

<sup>18</sup> APTER, D. E. “Social-democracia”. In: OUTHWAITE, W. e BOTTOMORE, T. (eds.). *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro, Zahar, 1996.

<sup>19</sup> O autor escreveu dois livros em que revelou experiências e impressões acerca dos Estados Unidos colhidas durante dois períodos em que o autor esteve no país: *Gato preto em campo de neve* (Porto Alegre, Globo, 1941), em que aborda a primeira viagem (durante três meses, em 1941) e *A volta do gato preto* (Porto Alegre, Globo, 1946), sobre sua segunda estada, bem mais longa (de setembro de 1943 a setembro de 1945). Oportunamente, pretendo debruçar-me sobre a visão de Erico acerca dos Estados Unidos, a partir dessas duas obras e de suas memórias, *Solo de clarineta*.

<sup>20</sup> Ver a bibliografia utilizada pelo autor, em VERÍSSIMO. *México*. 11 ed. São Paulo, Globo, 1996, pp. 301-302.

<sup>21</sup> Clodomir Vianna Moog, gaúcho de São Leopoldo, foi, em 1952, indicado representante do Brasil na



Comissão de Ação Cultural da OEA, com sede na Cidade do México, onde residiu por mais de dez anos e ocupou a presidência da Comissão. Por seu intermédio, Erico Veríssimo conheceu vários intelectuais e artistas mexicanos. Aurélio Buarque de Holanda, por sua vez, estava no México, sob os auspícios do Itamarati, ministrando um curso intitulado “Cultura Brasileira”, na UNAM. Ver VERÍSSIMO. *México*. 3 ed. Porto Alegre, Globo, 1964, p. 60.

<sup>22</sup> Entre as igrejas visitadas o autor destaca a de Santa María Tonantzintla e a de San Francisco Acatepec que, para ele, representam a “indianização do catolicismo”, sobretudo a primeira (p. 131).

<sup>23</sup> Cf. GRUZINSKI, S. *O pensamento mestiço*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

<sup>24</sup> Sobre o arielismo, ver RODÓ, J. E. *Ariel*. Campinas, SP, Editora da Unicamp, 1991, e MITRE, A. “Fenômenos de massa na sociedade oligárquica: o despontar da modernidade em *Ariel* de Rodo”. In: *O dilema do Centauro. Ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003, pp. 103-21.

<sup>25</sup> O autor esclarece que, apesar dos colóquios não terem sido taquígrafados, as palavras do escritor mexicano foram reproduzidas fielmente. Informa também que foram inseridos, com autorização de Vasconcelos, trechos do seu livro *Breve história de México*, acerca de acontecimentos, personagens e idéias discutidos nos diálogos (nota na p. 205).

<sup>26</sup> Regina Aída Crespo já tinha observado essa amargura que Vasconcelos revela em suas conversas com Veríssimo. Ver CRESPO, R. A. Cultura e política: José Vasconcelos e Alfonso Reyes no Brasil (1922-1938). *Revista Brasileira de História*, vol. 23 (jul.), n. 45, pp. 187-208, 2003. Ver também, da mesma autora: *Messianismos culturais: Monteiro Lobato, José Vasconcelos e seus projetos para a nação*. Tese de Doutorado. São Paulo, Depto. de História da FFLCH-USP, 1997.

<sup>27</sup> Veríssimo faz referência aos afrescos pintados nas paredes do edifício sede da Secretaria de Educación Pública, SEP.

<sup>28</sup> O capítulo 11, “O mexicano”, está dividido em três partes – “A terra”, “O povo” e “Aspectos da vida e do caráter mexicanos” – que, por sua vez, estão assim subdivididas: “A terra”: Configuração, Clima; “O povo”: Grupos raciais, O mestiço, O campo e a cidade; “Aspectos da vida e do caráter mexicanos”: Língua, Cortesia, Gestos, Cantinflas e o *pelado*, A desconfiança, Suscetibilidade, Patriotismo, Festas, Touradas, Tempo, Estoicismo, Humorismo, A morte, O dia dos mortos, Religião, A Virgem Morena, Igreja e Estado, Diálogo, México e Estados Unidos (pp. 255-89).